

APRESENTAÇÃO

Dossiê Especial Estudos Feministas em Tradução

Nylcéa Thereza DE SIQUEIRA PEDRA

Universidade Federal do Paraná

npedra@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1088-4260>

Com curadoria dos professores organizadores do dossiê temático Feminismos e Sexualidades em tempos singulares, os artigos que compõem este dossiê especial de estudos feministas em tradução são o resultado do trabalho de prática e crítica da tradução de estudantes do Curso de Letras da Universidade Federal do Paraná ao longo do segundo semestre de 2021. Aqui, encontram-se traduzidos textos de autores do Sul e do Norte, brasileiros e estrangeiros, em uma confluência de vozes que nos convidam a pensar a importância dos estudos feministas e seu diálogo com os estudos decoloniais nos nossos dias. Assim, nestes doze artigos aqui apresentados, o leitor poderá refletir sobre a importância dos estudos feministas para a tradução, para a literatura, para o ensino, para a organização social e, sobretudo, para a igualdade.

O texto de abertura, “Caminhos para uma redefinição da prática feminista de tradução” (1997), de Françoise Massardier-Kenney, tem uma grande relevância não apenas para a prática tradutória, mas também por fornecer diálogos com vários processos dentro do sistema literário contemporâneo brasileiro, tais como edição, recepção e mediação. Massardier-Kenney parte de discussões básicas sobre repensar categorias de gênero para apontar práticas efetivas em processos tradutórios que se coloquem de forma contra-hegemônica.

Como exemplo prático da contra-hegemonia tradutória, originalmente escrito em português e traduzido para a língua inglesa, o artigo “Becoming Unbecoming: Graphic Novel, Gender-Based Violence And Resistance”, da Profa. Dra. Martha Júlia Martins de Souza, apresenta uma análise da *graphic novel* autobiográfica *Becoming Unbecoming* (da artista Una) com foco no tema da violência de gênero, levando o leitor a refletir a respeito da culpabilização da mulher, da desigualdade de gênero, da violência e sua naturalização e do papel assumido pela linguagem nessas relações de poder e opressão.

No âmbito do ensino, em “Para um currículo feminista decolonial”, Iris Hernández Morales lança luz sobre as limitações existentes em dois currículos distintos, apresentados



pela autora como currículo prescrito e currículo da Pedagogia Feminista. Segundo a pesquisadora, tais currículos operam no inseparável binômio Modernidade/Colonialidade e negam outras possibilidades de existência, sufocando sistematicamente saberes e formas de organização coletiva. Ao longo do texto, a autora se nutre dos estudos decoloniais para problematizar conceitos já estabelecidos nos imaginários desses currículos, bem como sublinhar suas implicações nefastas no contexto latino-americano. Encorajada por um horizonte outro, mobiliza direções e propõe vários elementos para se pensar e construir um currículo feminista decolonial.

Três artigos se centram na temática das sexualidades. No primeiro deles, intitulado “O transfeminismo não é um genderismo”, Sayak Valencia teoriza sobre o transfeminismo como movimento de rede, que engloba pessoas marginalizadas que sofrem com a violência de gênero. Além disso, a autora pontua que o transfeminismo não possui características de um movimento isolado, mas sim assume uma postura combativa ao feminismo neoliberal, implementado ao redor do mundo pela lógica de mercado que busca engessar o caráter crítico e combativo das organizações. De modo geral, Sayak Valencia perpassa diferentes feminismos enquanto faz uma crítica à necropolítica de gênero e às diferentes formas de violência produzidas pelo Estado neoliberal, aliado ao capitalismo *gore*.

Em “Pensamento feminista latino-americano: reflexões sobre a colonialidade do saber/poder e da sexualidade”, Gabriela Artazo e Gabriela Bard Wigdor procuram reivindicar o lugar do feminismo latino-americano e suas idiossincrasias. As autoras se propõem a apresentar uma discussão teórica que dê conta da subalternidade das mulheres e das demais expressões de gênero para além de uma narrativa eurocêntrica dominante, reivindicando a representatividade das teorias feministas do e para o Sul.

Visto que a existência de famílias com duas mães ainda gera estranhamento, ainda mais no contexto escolar, Luciene Mochi e Ana Rosa Moreira, em “What is the place of lesbian and bisexual motherhood in school”, artigo originalmente escrito em português e aqui traduzido para língua inglesa, buscam entender qual é o lugar que as famílias com mães lésbicas/bissexuais ocupam na escola e qual a importância da presença de tais famílias nesse ambiente. Em uma reflexão sobre como a maternidade lésbica/bissexual foge ao padrão de maternidade concebido pela sociedade, as autoras levantam questões que vão desde a contribuição, dentro contexto escolar, para a diversidade e a inclusão, até o desafio, fora do contexto escolar, à norma heterossexual e patriarcal e a garantia de direitos e de políticas públicas para essas mães.

Os artigos que encerram este dossiê apresentam, sob olhares diversos, possibilidades de novas organizações sociais sob a ótica dos estudos feministas. Em “Acumulação primitiva, ‘modos de produção’ e a formação do mundo moderno através da América Latina. Uma breve reflexão feminista, decolonial e latinoamericanista”, Fabiana Rivas propõe uma leitura crítica que busca compreender e analisar as diferentes dimensões da opressão, tais com classe, gênero e raça. A autora organiza o seu texto considerando as contribuições dos estudos decoloniais e do feminismo decolonial. Além disso, Rivas procura descrever o papel dos latino-americanos na construção e manutenção da modernidade, fazendo Marx dialogar com Aníbal Quijano.

Visando refletir sobre as diferentes compreensões do trabalho, Natalia Quiroga Díaz desenvolve seu texto de modo a tomar como discussão principal o papel das mulheres no desenvolvimento de uma sociedade que dificilmente reconhece determinadas funções — até então femininamente estereotipadas — como resultado de desempenho físico e mental, ou seja, como trabalho de fato. Assim sendo, em “Economia do cuidado reflexões para um feminismo decolonial”, a autora apresenta dados e estudos que buscam evidenciar e questionar a visão machista que ronda o papel da mãe, mulher e dona de casa, utilizando como ferramentas, vez ou outra, a inversão de papéis entre a figura masculina e a feminina para contestar a diminuição da força da mulher no que diz respeito aos direitos trabalhistas.

Em “O pensamento decolonial: das raízes do debate a uma proposta de método”, os pesquisadores italianos Salvo Torre, Maura Benegiamo e Alice Dal Gobbo refletem sobre o pensamento decolonial e a colonialidade do poder desde o Norte. Por meio das contribuições de Aníbal Quijano, Walter Mignolo e Silvia Rivera Cusicanqui, questionam se é viável a reprodução dos métodos da pesquisa decolonial como uma forma de refletir as modalidades de produção do saber de maneira universal.

Ashey J. Bohe, “Na direção de um anticapitalismo feminista e decolonial: María Lugones, Sylvia Wynter e Sayak Valencia”, dialoga com as três teóricas no intuito de compreender e questionar o capitalismo através do pensamento feminista decolonial. A autora evidencia como é possível ter um olhar mais crítico e complexo para o desenvolvimento do capitalismo, sua perpetuação pela lente do feminismo decolonial e a importância deste para a luta anticapitalista.

Colocando em foco os sistemas de conhecimento para resiliência urbana, Katinka Wijsman e Mathieu Feagan abordam, em “Repensando os sistemas de conhecimento para a resiliência urbana: contribuições feministas e decoloniais para transformações justas”, um novo caminho para se alcançar um futuro mais justo. Ao se utilizar da teoria

feminista e do pensamento decolonial, a resiliência urbana passa a ter a justiça como centro, e não mais reforça os sistemas de conhecimento dominantes. Os autores propõem três estratégias fundamentais para alcançar tal objetivo, que são o foco na justiça e na transgressão, a prática de pesquisa reflexiva e o pensamento histórico.

Finalmente, em “Superando a análise fragmentada da dominação: uma revisão feminista decolonial da perspectiva da interseccionalidade”, Yuderlys Espinosa Miñoso, problematiza o lugar da mulher na categoria de gênero dentro das teorias feministas, procurando questionar a visão universalista e homogeneizante assumida nessas teorias. Para isso, a autora reafirma a importância de uma reflexão que considere sempre a tríade: raça, classe e gênero.

Esperamos que estes trabalhos aqui traduzidos contribuam com as reflexões de todos nós, de modo a nos lembrar que sempre há outros olhares, outros lugares, outras possibilidades de organizar o pensamento e o mundo.

Recebido em: 22 jan. 2022.

Aceito em: 26 jan. 2022.